

ESTRATÉGIAS DE LEITURA NA LÍNGUA INGLESA

Portal
IDEA
.com.br



Skimming – como captar a ideia geral de um texto rapidamente

No contexto da leitura em língua estrangeira, especialmente no ensino de inglês como segunda língua, desenvolver estratégias eficazes de leitura é essencial para garantir a compreensão textual e a autonomia do aprendiz. Entre essas estratégias, destaca-se o *skimming*, uma técnica que visa captar rapidamente a ideia geral de um texto, sem se deter em detalhes ou significados de cada palavra. Essa abordagem é especialmente útil em atividades que exigem eficiência na leitura, como provas, seleção de materiais, navegação em sites e análise inicial de textos acadêmicos.

O *skimming* consiste na leitura superficial de um texto com o objetivo de identificar sua ideia central, seu propósito comunicativo e a estrutura global da informação apresentada. De acordo com Grellet (1981), trata-se de uma técnica de leitura seletiva que permite ao leitor formar uma impressão geral do conteúdo e decidir se vale a pena ou não realizar uma leitura mais aprofundada. Diferente da leitura intensiva, que se dedica à análise detalhada, o *skimming* prioriza o reconhecimento de tópicos principais e ideias-chave.

A aplicação prática do *skimming* envolve algumas estratégias específicas. Uma das mais comuns é a leitura dos títulos, subtítulos, primeira e última frases de cada parágrafo — posições onde, frequentemente, se encontram as informações mais importantes. Também é útil prestar atenção a palavras em negrito ou itálico, listas, conectores textuais (como *however*, *therefore*, *in addition*) e outras pistas visuais que indicam a organização lógica do texto. Grabe e Stoller (2011) explicam que leitores proficientes usam essas pistas para prever o conteúdo e o fluxo das ideias antes mesmo de ler o texto na íntegra.

O *skimming* é especialmente vantajoso em situações onde o tempo é limitado. Em avaliações de múltipla escolha, por exemplo, a técnica permite que o aluno obtenha uma visão geral do texto rapidamente, o que facilita a localização de respostas e reduz a ansiedade. Segundo Nuttall (2005), o

skimming não é apenas uma leitura apressada, mas sim uma leitura com foco e intenção: o leitor busca ativamente informações centrais e ignora dados secundários ou exemplos que não contribuem para o entendimento global.

Além de sua funcionalidade prática, o *skimming* também tem um papel pedagógico importante. Ele ajuda os alunos a desenvolverem uma atitude mais estratégica diante da leitura, afastando a ideia de que é necessário compreender todas as palavras para entender o texto. Essa mudança de perspectiva é essencial para reduzir o medo de ler em outra língua e fortalecer a confiança do aluno. Krashen (2004) reforça que a exposição a textos significativos, mesmo que parcialmente compreendidos, é suficiente para promover a aquisição linguística e o crescimento vocabular.

Para que o *skimming* seja eficaz, é necessário treinar essa habilidade de forma sistemática. Atividades como prever o tema do texto a partir do título, resumir parágrafos com uma frase, identificar palavras-chave e selecionar frases principais ajudam a consolidar essa prática. Professores podem ainda propor tarefas em que os alunos façam comparações entre a ideia geral obtida por meio do *skimming* e a compreensão mais detalhada após uma segunda leitura, promovendo uma reflexão crítica sobre o processo de leitura.

No entanto, é importante lembrar que o *skimming* não substitui outras formas de leitura. Ele é apenas uma das muitas estratégias que o leitor deve dominar. A combinação entre *skimming*, *scanning* (leitura para localizar informações específicas), leitura extensiva e leitura intensiva permite que o estudante atue com flexibilidade diante de diferentes gêneros e objetivos de leitura. Segundo Wallace (1992), a competência leitora não reside na velocidade ou na quantidade de palavras conhecidas, mas na capacidade de ajustar a leitura às exigências de cada situação.

Em resumo, o *skimming* é uma técnica valiosa para leitores de todos os níveis, mas especialmente para aqueles que estão desenvolvendo sua proficiência em língua estrangeira. Ao treinar a habilidade de captar a ideia geral de um texto rapidamente, o aluno amplia sua eficiência, ganha segurança e se aproxima da leitura como uma atividade dinâmica e funcional.

Incorporar essa estratégia à rotina de estudos é um passo importante para a construção da autonomia linguística e do pensamento crítico.

Referências bibliográficas

- Grellet, F. (1981). *Developing Reading Skills: A Practical Guide to Reading Comprehension Exercises*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Krashen, S. D. (2004). *The Power of Reading: Insights from the Research*. Portsmouth, NH: Heinemann.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Wallace, C. (1992). *Reading*. Oxford: Oxford University Press.

Portal
IDEA
.com.br

Scanning – como localizar informações específicas

No processo de leitura em língua estrangeira, dominar diferentes estratégias de leitura é fundamental para promover uma compreensão eficiente e adaptada a diversos contextos e propósitos. Uma dessas estratégias é o *scanning*, uma técnica direcionada à localização rápida de informações específicas dentro de um texto. Essa habilidade é particularmente útil em tarefas que envolvem busca de dados pontuais, como números, nomes, datas, locais ou palavras-chave, e está amplamente presente em situações cotidianas e acadêmicas, como ao consultar horários, índices, anúncios, cardápios, formulários ou realizar provas objetivas.

O *scanning*, diferentemente de uma leitura detalhada ou global, não tem como objetivo a compreensão do conteúdo geral de um texto, mas sim a extração de elementos exatos e delimitados. De acordo com Grellet (1981), essa técnica permite que o leitor “pule” partes irrelevantes do texto, concentrando sua atenção apenas naquilo que deseja encontrar. Essa seletividade na leitura contribui para o desenvolvimento da autonomia e da eficiência, características fundamentais para quem aprende uma segunda língua.

O processo de *scanning* começa com a definição clara daquilo que se quer localizar. O leitor, ao abordar um texto, já possui uma meta específica — por exemplo, identificar a data de um evento em um artigo, encontrar o nome de um autor em uma resenha, ou localizar um número em uma tabela de resultados. Isso implica uma leitura altamente dirigida, em que o olhar percorre o texto em busca de sinais visuais e palavras que se destacam. Como explica Wallace (1992), o *scanning* é uma atividade visual intensa, pois se apoia em marcadores linguísticos, números, letras maiúsculas, palavras em negrito e outras pistas que ajudam a delimitar a informação procurada.

Essa técnica é particularmente valiosa em contextos acadêmicos e profissionais. Em exames de proficiência ou concursos, por exemplo, o tempo disponível para leitura é limitado, e a capacidade de localizar

informações com rapidez pode determinar o sucesso na prova. Segundo Grabe e Stoller (2011), o *scanning* desenvolve a habilidade de leitura seletiva e promove o processamento eficiente da linguagem escrita, mesmo quando o leitor não compreende integralmente o conteúdo ao redor da informação buscada.

Para que o *scanning* seja eficaz, é necessário praticá-lo sistematicamente. Professores podem aplicar exercícios com listas, tabelas, textos curtos, anúncios ou instruções, nos quais os alunos devem encontrar itens específicos sem ler o texto completo. A prática deve começar com tarefas simples, como localizar números de telefone ou nomes de cidades, e evoluir para situações mais complexas, como extrair informações de textos acadêmicos ou jurídicos. Nuttall (2005) enfatiza que, quanto mais o aluno treina a busca seletiva, mais ele desenvolve a sensibilidade para reconhecer padrões textuais e palavras-chave.

Uma dificuldade comum entre iniciantes é a tentação de tentar entender o texto inteiro antes de localizar a informação, o que contraria os princípios do *scanning*. Para evitar isso, é fundamental orientar os alunos a evitar a leitura linear e a confiar em estratégias de antecipação. Ao saber exatamente o que se procura — como uma data em formato numérico ou uma palavra específica —, o leitor pode usar o conhecimento prévio sobre como essas informações costumam aparecer no texto, acelerando o processo de busca. Essa antecipação é uma forma de ativar esquemas mentais, como propõem Rumelhart e McClelland (1986), que defendem o papel dos esquemas na organização da informação durante a leitura.

Além disso, o *scanning* contribui para o desenvolvimento de outras competências linguísticas. Embora não envolva uma leitura aprofundada, ele exige do leitor a familiaridade com vocabulário básico, ortografia e estruturas comuns da língua. Isso significa que, ao praticar *scanning*, o aluno também aprimora sua capacidade de reconhecer palavras e padrões com maior rapidez, o que beneficia tanto a leitura quanto a escrita.

Em resumo, o *scanning* é uma estratégia essencial para leitores em língua estrangeira que desejam lidar com textos de forma funcional, prática e eficiente. Ao permitir a localização rápida de informações específicas, essa técnica amplia a autonomia do leitor, economiza tempo e favorece o uso da língua em contextos reais. Integrá-la ao processo de ensino-aprendizagem é um passo importante para formar leitores mais estratégicos e confiantes.

Referências bibliográficas

- Grellet, F. (1981). *Developing Reading Skills: A Practical Guide to Reading Comprehension Exercises*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Wallace, C. (1992). *Reading*. Oxford: Oxford University Press.
- Rumelhart, D. E., & McClelland, J. L. (1986). *Parallel Distributed Processing: Explorations in the Microstructure of Cognition*. Cambridge: MIT Press.

Quando aplicar cada técnica de leitura: *skimming*, *scanning*, leitura intensiva e extensiva

No ensino e na prática da leitura em língua estrangeira, dominar diferentes técnicas é essencial para que o leitor possa adaptar sua abordagem conforme o tipo de texto, o objetivo da leitura e o tempo disponível. Quatro das estratégias mais utilizadas nesse contexto são: *skimming* (leitura global), *scanning* (leitura seletiva), leitura intensiva e leitura extensiva. Cada uma delas tem propósitos distintos e se aplica melhor a determinadas situações comunicativas. Compreender **quando aplicar cada técnica** é o que torna o leitor mais estratégico, eficiente e autônomo.

A técnica de *skimming* é indicada quando o objetivo da leitura é obter uma visão geral do conteúdo. Trata-se de uma leitura rápida que busca captar a ideia central de um texto, sem se prender a detalhes. Segundo Grellet (1981), é particularmente útil em momentos iniciais da leitura, para decidir se vale a pena aprofundar-se no texto. Também é aplicada em provas de múltipla escolha, na seleção de textos para pesquisa e em contextos em que o leitor precisa priorizar a compreensão macro de um conteúdo. Um exemplo prático seria a leitura de notícias em inglês: o leitor pode usar o *skimming* para identificar o tema principal e decidir se deseja continuar a leitura completa.

Por outro lado, o *scanning* é mais eficaz quando se busca localizar informações específicas. É uma leitura seletiva que ignora o conteúdo geral e foca na identificação de dados pontuais, como datas, nomes, números, locais e palavras-chave. Grabe e Stoller (2011) destacam que essa técnica é extremamente útil em contextos acadêmicos e profissionais, como ao procurar uma referência bibliográfica, encontrar uma definição em um glossário, ou verificar o horário de um evento em uma programação. O *scanning* também é amplamente utilizado em provas de compreensão de texto, onde o aluno precisa localizar trechos específicos para responder perguntas objetivas.

Já a **leitura intensiva** é mais apropriada quando o objetivo é analisar o texto com profundidade, prestando atenção às estruturas gramaticais, vocabulário, ideias principais e secundárias, bem como aos mecanismos de coesão textual. É comumente usada em sala de aula, especialmente em níveis iniciais e intermediários, e envolve atividades que requerem interpretação detalhada, reformulação de frases, tradução e discussão do conteúdo. Conforme Nuttall (2005), a leitura intensiva contribui para o desenvolvimento linguístico mais sistemático e reflexivo, sendo ideal para textos curtos e densos, como parágrafos explicativos, editoriais, trechos de literatura ou artigos científicos.

A **leitura extensiva**, por sua vez, é recomendada quando se pretende desenvolver fluência e prazer pela leitura. Ela envolve a leitura de textos longos, de forma contínua, sem interrupções frequentes para consulta ao dicionário. Krashen (2004) defende que esse tipo de leitura é fundamental para a aquisição de vocabulário e estrutura da língua de maneira subconsciente. É indicada para livros, contos, revistas, blogs e qualquer material que se adeque ao nível do leitor, com temas de seu interesse. A leitura extensiva é eficaz quando o foco está mais na exposição constante à língua do que na análise pontual de seu funcionamento.

A aplicação dessas técnicas pode ser combinada, dependendo da situação. Por exemplo, um estudante pode começar com o *skimming* para captar o assunto de um texto, depois usar o *scanning* para localizar uma resposta específica e, finalmente, recorrer à leitura intensiva para interpretar um parágrafo mais complexo. Já no contexto de leitura prazerosa ou autodidata, a leitura extensiva pode ser o foco principal, com breves momentos de *skimming* ou consulta pontual para esclarecimento de trechos.

Além disso, o nível de proficiência do leitor influencia diretamente na escolha da técnica mais adequada. Iniciantes podem se beneficiar mais da leitura intensiva e do uso frequente de *skimming*, enquanto leitores mais avançados tendem a empregar todas as estratégias com maior flexibilidade. Como Wallace (1992) destaca, a competência leitora envolve a capacidade de variar as abordagens de leitura de acordo com o propósito, o tipo de texto e o contexto social da atividade.

Em síntese, escolher a técnica de leitura adequada é uma habilidade estratégica que favorece o aprendizado, a compreensão e o uso funcional da língua estrangeira. O *skimming* é ideal para captar o sentido geral, o *scanning* para localizar informações específicas, a leitura intensiva para análise aprofundada e a leitura extensiva para prática fluente e prazerosa. Quando bem aplicadas, essas estratégias formam um conjunto integrado de competências que promovem leitores mais preparados e independentes.

Referências bibliográficas

- Grellet, F. (1981). *Developing Reading Skills: A Practical Guide to Reading Comprehension Exercises*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Krashen, S. D. (2004). *The Power of Reading: Insights from the Research*. Portsmouth, NH: Heinemann.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Wallace, C. (1992). *Reading*. Oxford: Oxford University Press.

Inferindo significados de palavras desconhecidas

Durante a leitura em língua estrangeira, é comum que o leitor se depare com palavras cujo significado é desconhecido. Em vez de interromper a leitura para recorrer ao dicionário ou traduzir literalmente, o leitor eficiente utiliza estratégias cognitivas que permitem inferir o sentido dessas palavras com base no contexto. Esse processo, denominado **inferência de significado**, é uma habilidade essencial no desenvolvimento da competência leitora, pois promove autonomia, fluência e compreensão mais natural dos textos.

Inferir o significado de uma palavra significa deduzi-lo com base nas informações textuais e nos conhecimentos prévios do leitor. Segundo Grabe e Stoller (2011), a inferência lexical é um dos mecanismos mais usados por leitores proficientes em língua estrangeira, pois permite que a leitura prossiga sem interrupções, mesmo quando nem todas as palavras são compreendidas de imediato. Isso é especialmente útil em contextos como provas, leitura extensiva ou situações cotidianas, onde o foco está no entendimento geral da mensagem, e não na tradução exata de cada termo.

Uma das principais estratégias de inferência envolve o uso do **contexto linguístico**, ou seja, a análise da frase em que a palavra aparece, bem como das sentenças anteriores e posteriores. O leitor observa pistas gramaticais, sinônimos, antônimos, exemplos ou explicações que ajudam a formular hipóteses sobre o significado da palavra desconhecida. Por exemplo, em uma frase como *“The water was tepid, not too hot and not too cold”*, mesmo que o leitor não conheça a palavra *tepid*, pode deduzir seu significado com base nas informações complementares da frase.

Outra fonte importante de inferência é o **conhecimento prévio**. O leitor ativa seus esquemas mentais — estruturas cognitivas baseadas em experiências anteriores — para relacionar o conteúdo do texto com aquilo que já sabe. Isso é coerente com o modelo interativo de leitura defendido por Rumelhart (1980), segundo o qual o processo de compreensão textual depende da interação entre os dados fornecidos pelo texto e os conhecimentos do leitor. Dessa forma, ao ler um texto sobre esportes, o leitor pode intuir que

“*referee*” se refere ao juiz, mesmo sem conhecer o termo previamente, apenas por associação temática.

O uso de **morfologia** também é um recurso valioso para inferência lexical. O reconhecimento de prefixos, sufixos e raízes pode ajudar o leitor a decifrar o sentido de uma palavra. Por exemplo, a palavra “*unpredictable*” pode ser decomposta em *un-* (negação), *predict* (prever) e *-able* (possibilidade), indicando algo “imprevisível”. Nation (2001) ressalta que o ensino sistemático de elementos morfológicos aumenta a capacidade do aluno de lidar com vocabulário novo de maneira autônoma.

Contudo, é importante destacar que a inferência nem sempre leva à compreensão correta do significado. A precisão da dedução depende de vários fatores, como o nível de proficiência do leitor, o grau de familiaridade com o tópico do texto, a clareza das pistas contextuais e a complexidade da palavra. Por isso, o desenvolvimento dessa habilidade requer prática orientada e reflexiva. Atividades didáticas como sublinhar palavras desconhecidas, formular hipóteses e verificar posteriormente com o dicionário são eficazes para aprimorar a capacidade de inferência.

Além disso, inferir significados não é uma habilidade isolada, mas faz parte de um conjunto de competências envolvidas na leitura ativa e estratégica. Para Nuttall (2005), o leitor estratégico é aquele que sabe “quando insistir, quando desistir e quando tentar adivinhar”, ou seja, sabe administrar seus recursos cognitivos de forma flexível. Essa autonomia é o que permite a construção de significado mesmo diante de dificuldades linguísticas.

No contexto do ensino de línguas, incentivar a inferência de significado ajuda a combater a dependência excessiva do dicionário e a desenvolver uma abordagem mais comunicativa e eficiente da leitura. Professores devem criar oportunidades em sala de aula para que os alunos experimentem o processo de dedução em situações reais de leitura, reforçando a ideia de que entender o texto como um todo é mais importante do que conhecer todas as palavras.

Em resumo, a inferência de significados de palavras desconhecidas é uma habilidade indispensável para leitores em língua estrangeira. Ela promove a fluência, economiza tempo, fortalece a autonomia e contribui para uma compreensão mais profunda e contextualizada dos textos. Ao desenvolver essa competência, o leitor torna-se capaz de interagir com a língua de forma mais confiante, intuitiva e eficaz.

Referências bibliográficas

- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Nation, I. S. P. (2001). *Learning Vocabulary in Another Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Rumelhart, D. E. (1980). *Schemata: The Building Blocks of Cognition*. In R. J. Spiro, B. C. Bruce & W. F. Brewer (Eds.), *Theoretical Issues in Reading Comprehension*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Anderson, N. J. (1999). *Exploring Second Language Reading: Issues and Strategies*. Boston: Heinle & Heinle.

Reconhecimento de sentimentos, intenções e opiniões na leitura em língua estrangeira

Ler em uma segunda língua vai além da simples decodificação de palavras e estruturas gramaticais. A leitura envolve, essencialmente, a construção de sentido, e parte desse processo está relacionado à capacidade do leitor de reconhecer não apenas o conteúdo literal, mas também os **sentimentos, intenções e opiniões** expressos pelo autor. Essa competência é fundamental para uma leitura crítica e interpretativa, especialmente quando se trata de textos argumentativos, literários, jornalísticos ou interacionais.

O reconhecimento de sentimentos refere-se à identificação das emoções implícitas ou explícitas no texto, como alegria, tristeza, raiva, entusiasmo ou frustração. Já a compreensão das intenções diz respeito ao propósito comunicativo do autor — informar, convencer, entreter, instruir ou criticar. As opiniões, por sua vez, revelam posicionamentos pessoais, avaliações subjetivas e julgamentos que se diferenciam dos fatos. Como destaca Wallace (1992), a habilidade de distinguir entre fato e opinião é central para a leitura crítica, sobretudo em contextos culturais e linguísticos diversos.

No caso da leitura em língua estrangeira, como o inglês, essa habilidade torna-se ainda mais complexa devido à presença de elementos linguísticos e pragmáticos que não são necessariamente evidentes para o leitor iniciante. O reconhecimento de sentimentos, por exemplo, pode depender do entendimento de **adjetivos avaliativos** (*wonderful, terrible, frustrated, pleased*), de **expressões idiomáticas** (*over the moon, fed up*) e de **marcadores discursivos** que indicam julgamento, como *unfortunately, clearly, in my opinion*, entre outros.

Grabe e Stoller (2011) apontam que a compreensão de aspectos inferenciais do texto exige que o leitor ative não apenas conhecimentos linguísticos, mas também conhecimentos discursivos e culturais. Para reconhecer a intenção de um texto, por exemplo, o leitor deve ser capaz de interpretar seu **gênero textual**, seu **tom** e a forma como o autor organiza seus argumentos. Um artigo opinativo, por exemplo, pode usar verbos modais (*should, must*,

might) e recursos retóricos para sugerir ações, criticar comportamentos ou persuadir o leitor, sem necessariamente declarar isso de forma explícita.

A leitura de textos literários e narrativos também exige a capacidade de perceber sentimentos e intenções por meio de **descrições indiretas**, diálogos e ações dos personagens. Essa competência, muitas vezes chamada de *reading between the lines* (ler nas entrelinhas), exige inferência e sensibilidade linguística. De acordo com Nuttall (2005), essa leitura implícita é essencial para compreender a profundidade emocional do texto, o que contribui para o envolvimento afetivo e a apreciação estética por parte do leitor.

Do ponto de vista pedagógico, o desenvolvimento dessa habilidade pode ser promovido por meio de estratégias que incentivem a reflexão e a interpretação. Atividades como identificar o tom do texto (neutro, crítico, irônico, entusiasmado), analisar escolhas lexicais do autor, comparar diferentes opiniões sobre um mesmo tema ou interpretar sentimentos dos personagens em narrativas são eficazes para desenvolver a leitura crítica. Segundo Anderson (1999), a leitura estratégica envolve constantemente o monitoramento da própria compreensão e a formulação de hipóteses sobre a intenção do texto.

Além disso, é essencial que o ensino de leitura inclua a **análise do discurso**, ou seja, o estudo de como os autores usam a linguagem para atingir seus objetivos comunicativos. Isso envolve o reconhecimento de estruturas argumentativas, recursos persuasivos, ironias, intensificadores e outros mecanismos linguísticos que revelam opiniões e atitudes. Tal abordagem contribui para a formação de leitores capazes de reconhecer o posicionamento do autor, concordar ou discordar criticamente, e relacionar o conteúdo com seu próprio repertório sociocultural.

Em contextos avaliativos, como exames de proficiência e vestibulares, é comum que se explorem questões que exigem do aluno a identificação de sentimentos, intenções e opiniões nos textos. Por isso, o domínio dessa competência é essencial não apenas para o desenvolvimento linguístico, mas também para o desempenho acadêmico e para o uso social da língua.

Em síntese, reconhecer sentimentos, intenções e opiniões é uma habilidade interpretativa complexa que envolve conhecimentos linguísticos, culturais e discursivos. Desenvolver essa competência torna o leitor mais consciente, crítico e preparado para interagir com diferentes tipos de textos e discursos. Ao ultrapassar a leitura literal e mergulhar nas camadas implícitas do texto, o aprendiz de língua estrangeira amplia não apenas sua compreensão linguística, mas também sua capacidade de refletir sobre o mundo por meio da linguagem.

Referências bibliográficas

- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Wallace, C. (1992). *Reading*. Oxford: Oxford University Press.
- Anderson, N. J. (1999). *Exploring Second Language Reading: Issues and Strategies*. Boston: Heinle & Heinle.
- Brown, H. D. (2007). *Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy*. White Plains, NY: Pearson Longman.

Prática de inferência com pequenos textos

A leitura em uma língua estrangeira é um processo ativo e estratégico, que vai além da simples decodificação de palavras. Entre as habilidades cognitivas envolvidas na compreensão textual, a **inferência** ocupa um papel central. Inferir significa deduzir informações que não estão explicitamente declaradas no texto, a partir do contexto, do conhecimento prévio e das pistas linguísticas e semânticas disponíveis. No ensino de inglês como segunda língua, a **prática de inferência com pequenos textos** tem se mostrado uma abordagem eficaz para desenvolver leitores mais autônomos, críticos e proficientes.

Segundo Kintsch (1998), a inferência é essencial para a construção da coerência textual e para a elaboração de modelos mentais durante a leitura. Leitores eficazes não apenas processam a informação literal, mas também integram elementos implícitos, completando lacunas e estabelecendo relações causais, temporais e emocionais. Esse processo é ainda mais desafiador em uma língua estrangeira, onde o vocabulário limitado e o desconhecimento de estruturas idiomáticas podem dificultar a interpretação de sentidos subentendidos.

Por esse motivo, trabalhar com **pequenos textos** — como diálogos, microcontos, bilhetes, e-mails curtos, manchetes ou trechos de narrativas — é uma estratégia pedagógica eficiente. Textos breves possibilitam um foco maior nas habilidades inferenciais, sem sobrecarregar o leitor com excesso de informação. De acordo com Grabe e Stoller (2011), a leitura de textos curtos permite que os aprendizes pratiquem a identificação de intenções, sentimentos, conclusões e causas, com base em fragmentos que exigem atenção e raciocínio interpretativo.

A prática da inferência pode ser estruturada por meio de atividades que estimulem a formulação de hipóteses durante ou após a leitura. Por exemplo, após ler um trecho como: *“Tom opened the window and frowned. The sky was dark, and the wind was stronger than yesterday”*, o professor pode propor perguntas como: “Por que Tom franziu a testa?” ou “O que ele esperava ver ao abrir a janela?”. Essas questões exigem que o aluno vá além

do que está escrito, mobilizando sua compreensão do contexto e sua experiência prévia com situações semelhantes.

Outro tipo de inferência comum em atividades com pequenos textos é a **inferência lexical**, que consiste em deduzir o significado de palavras desconhecidas com base em pistas do próprio texto. Como afirma Nation (2001), essa habilidade é fundamental para o crescimento do vocabulário receptivo e para a fluência da leitura. O uso de textos curtos, com linguagem controlada e contexto claro, facilita esse tipo de prática. Por exemplo, em uma frase como “*She was exhausted after the marathon*”, o aluno pode inferir que *exhausted* tem relação com cansaço, mesmo que nunca tenha visto a palavra antes.

Além disso, a prática de inferência também deve incluir a **identificação de tom e atitude**, especialmente em gêneros como e-mails, mensagens ou comentários online. Um bilhete curto com a frase “*Thanks a lot for the ‘help’. Really appreciated it.*” pode conter um tom irônico que o leitor precisa perceber, mesmo sem uma explicitação direta da crítica. Segundo Wallace (1992), essa habilidade é essencial para o desenvolvimento de leitores críticos, capazes de interpretar não apenas o que se diz, mas como e por que se diz.

No contexto pedagógico, as atividades de inferência com pequenos textos devem ser acompanhadas de momentos de reflexão metacognitiva, em que os alunos possam discutir suas hipóteses, justificar suas respostas e comparar diferentes interpretações. Isso não apenas reforça a compreensão textual, mas também estimula o pensamento crítico e o uso consciente das estratégias de leitura. Como aponta Anderson (1999), ensinar a inferir é ensinar a pensar, e esse pensamento se constrói na interação com o texto e com os outros leitores.

A prática constante de inferência promove ganhos significativos em termos de **compreensão global, autonomia na leitura e segurança na interpretação textual**. Ao trabalhar com pequenos textos, os estudantes se familiarizam com estruturas reais da língua e desenvolvem confiança para enfrentar textos mais longos e complexos. O uso dessa abordagem também

valoriza o aspecto funcional da linguagem, demonstrando que a leitura é, acima de tudo, uma forma de compreender o mundo e interagir com ele.

Em suma, a prática de inferência com pequenos textos representa uma estratégia didática eficaz para o desenvolvimento da leitura em língua estrangeira. Ela possibilita o trabalho com informações implícitas, promove o pensamento crítico e amplia as competências linguísticas dos alunos, preparando-os para uma leitura mais reflexiva, fluente e eficaz.

Referências bibliográficas

- Anderson, N. J. (1999). *Exploring Second Language Reading: Issues and Strategies*. Boston: Heinle & Heinle.
- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Kintsch, W. (1998). *Comprehension: A Paradigm for Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nation, I. S. P. (2001). *Learning Vocabulary in Another Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wallace, C. (1992). *Reading*. Oxford: Oxford University Press.